



Entrevista **Manuel Villaverde Cabral**

A política portuguesa para o envelhecimento é pensões e saúde. Não há mais nada

O coordenador do Instituto do Envelhecimento, Manuel Villaverde Cabral, diz que se sente chocado com o isolamento em que se encontram muitos idosos em Portugal. Um estudo sobre o uso de tempo na terceira idade será um dos primeiros projectos da nova unidade de investigação

Andreia Sanches

● Com que idade é que alguém passa a ser velho? E como é que o país envelheceu nas últimas décadas? Algumas das perguntas farão parte dos primeiros estudos que serão conduzidos pelo Instituto do Envelhecimento. A nova unidade autónoma de investigação da Universidade de Lisboa tem durante três anos um orçamento anual de 200 mil euros, da Fundação Calouste Gulbenkian, e é coordenada pelo sociólogo e historiador Manuel Villaverde Cabral. Aos 69 anos afirma: "Por lei, aos 70, sou obrigado a reformar-me. E não me sinto velho." Na verdade, diz, não há uma idade que marque essa fronteira do que é ser "idoso".

Hoje são assinados os protocolos de cooperação com a Gulbenkian e a Fundação Francisco Manuel dos Santos que concretizam o projecto. Por que razão nasce um Instituto do Envelhecimento? Diz-se que o envelhecimento, juntamente com as alterações climáticas, são os dois grandes problemas do século XXI, ou pelo menos daqui até 2050. A sustentabilidade dos sistemas de reforma e dos grandes sistemas de saúde públicos justificam por si só o interesse. O envelhecimento é o desequilíbrio do rácio de pessoas com mais de 60 anos, ou mais de 65 anos, relativamente a pessoas até aos 25, 30 anos. Ou a relação entre a esperança de vida que aumenta e a natalidade que diminui ou estagna. Portugal tem 115 idosos para cada cem jovens...

Somos o sétimo país mais envelhecido [do mundo] desse ponto de vista - sem sermos aquele que onde a esperança de vida é maior. A Suécia, por exemplo, já foi o primeiro do mundo e agora é oitavo, conseguiu estancar essa tendência. A França também conseguiu. E isto operando ao nível das políticas de família, da infância, para a mulher. Talvez o *output* mais importante que os estudos sobre o envelhecimento podem dar, e que nós propomos dar, é a possibilidade de fazer comparações e gerar ideias que permitam actuar e contrariar este processo.

Num momento de estagnação económica, maior esperança de vida pode não significar melhoria da qualidade de vida?

A esperança de vida tem aumentado e a qualidade de vida também tem melhorado na terceira idade, mas não é um dado adquirido que isso vá continuar. A situação dos idosos em Portugal não é comparável à da Suécia. Os idosos portugueses são de uma maneira geral mais pobres, menos instruídos, o que contribui para minimizar as chances de qualidade de vida.

Não posso falar antes de fazer o projecto, mas chocam-me muitas situações de isolamento, nomeadamente na viuvez e, mais provavelmente, nos homens do que nas mulheres - porque as mulheres estiveram sempre ocupadas, tiveram sempre o papel de mães, de avós, da domesticidade. Não é à toa que se fala da viúva alegre e não se fala do

viúvo alegre. As mulheres, enfim, sobrevivem melhor.

Interessa-me esse problema do isolamento, da solidão, dos grupos de reformados a quem o sistema dá uma pensão mínima, mas estão ali no largo da igreja a descontar no tempo. Um dos projectos que pretendemos desenvolver é sobre o envelhecimento activo, o uso do tempo. Digo: "Há muitos viúvos isolados." Haverá mesmo? Vamos saber, porque uma pessoa pode ser viúva e não se sentir só, pode ter amigos, participar em actividades, viajar em grupo.

Já fiz essa pergunta sobre a solidão em inquéritos de saúde e a correlação é muito grande. O que é que gera o quê? No fundo, é um bocadinho bola de neve, estou doente fico solitário; estou solitário, mais doente fico.

Idosos informados

E a pobreza?

Este estudo permitirá correlacionar e no limite quantificar estatisticamente até que ponto a pobreza explica um certo isolamento, por não haver meios. A minha aposta é que, se a correlação existe, não é tão forte como se possa imaginar à primeira vista. Tem, com certeza, muito a ver com a vida na pré-reforma, com a rede de amigos que se tinha ou não para além da família e do emprego. A quem se destinam os resultados do trabalho do instituto? Ao Governo?

À comunicação social, desde logo. Chegar à sociedade, criar um processo de reflexividade: o próprio idoso informado sobre a condição dos idosos pode gerir de uma forma diferente o seu envelhecimento. "Há mais pessoas na minha situação. A minha situação não é tão trágica. Há pessoas que fazem outras coisas que eu não faço..."

Depois, aos *policy makers*. Através inclusivamente da comunicação social - porque muitas vezes os *policy makers* só se apercebem que há um problema quando lêem nos jornais. Ou vêem na televisão. Mas vai receber encomendas de entidades públicas, da Segurança Social, por exemplo?

Pensamos que isso acontecerá.

Seria absolutamente injusto dizer que não há em Portugal estudos sobre o envelhecimento, o problema é que são dispersos. O Instituto do Envelhecimento é uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, que durante dois, três anos desenvolveu um programa e realizou reuniões internacionais do mais alto nível criando conhecimento sobre o problema do envelhecimento nas dimensões que já apontei e também nas dimensões biomédicas - ou não fosse o professor Lobo Antunes o comissário destas conferências.

No fim, a fundação entendeu que seria oportuno contribuir para a criação de um grupo de investigação que se dedicasse a estes temas. Pensou-se inclusivamente que podia ser em ligação com a biomedicina, depois entendeu-se que não, que havia uma dimensão sociológica, demográfica, que pode ir até ao direito, à economia, à psicologia social, à psicologia clínica, enfim as



Fazer prolongar a esperança de vida é mais fácil do que convencer as famílias a terem bebés. E Portugal tem pouca política para a infância e para a facilitação da vida das mulheres, das mães jovens que trabalham e que pretendem continuar a trabalhar

Não é à toa que se fala da viúva alegre e não se fala do viúvo alegre.

As mulheres, enfim, sobrevivem melhor

Os idosos portugueses são de uma maneira geral mais pobres, menos instruídos, o que contribui para minimizar as chances de qualidade de vida



ciências sociais... são essas as áreas que farei com que colaborem em projectos.

No que é que se traduz o protocolo que vai ser assinado com a Gulbenkian?

Numa verba de 200 mil euros por ano, durante três anos, para instalar uma pequena equipa que ficará no Instituto de Ciências Sociais. Essa verba está também destinada à criação de conhecimento, à formação de pós-graduados. Serão doutoramentos de pessoas que demonstrem, através de concurso, apetência por esta área, que sejam promissoras. As bolsas serão equiparadas às bolsas da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. E poderemos apoiar propinas [para doutoramento], essas por ventura mais caras, através de um protocolo que vamos assinar com o Instituto do Envelhecimento da Universidade de Oxford.

Vamos ter um *staff* mínimo permanente (mais um ou dois colaboradores) compensado por um máximo de redes com colegas. O instituto de Oxford é levíssimo, tem para aí 15 pessoas em permanência - e existe há não sei quantos anos. Começamos a funcionar a 3 de Janeiro.

Dispõe-se também a estudar e avaliar as políticas públicas relacionadas com o envelhecimento da população. Para já, qual é a sua opinião? A política portuguesa, neste momento, nesta área, é pensões e saúde. Praticamente não há mais nada. Os idosos, através do sistema de pensões e através do sistema de saúde, são, lógica e mercadamente, os destinatários da maior fatia do orçamento de Portugal, como aliás de todos os outros países da Europa. Mas esse é o investimento bruto, financeiro: dou a pensão e desobrigo-me de pensar no resto. O que é esta pessoa faz com a pensão? E o que é que eu poderia fazer para ela a usar de uma forma melhor? - independentemente da questão de aumentar ou não aumentar a pensão ou das desigualdades brutais do sistema de reformas português. Que outros estudos vai o instituto desenvolver?

Um grande inquérito pode custar 200 mil euros, portanto teremos de fazer coisas mais contidas. Mas tive oportunidade de, quando me falaram do instituto, conversar com o meu antigo colega e amigo António Barreto, que está à frente da Fundação Francisco Manuel dos Santos. E ele disse que estava interessado. Um dos protocolos que também vamos assinar é com esta fundação, que vai apoiar dois projectos. Um é o tal sobre o uso do tempo, a actividade e a inactividade e a inserção em redes sociais formais e informais. Uma verba será atribuída pela fundação.

Por sua vez, o António Barreto perguntou-se se não queríamos fazer um estudo demográfico retrospectivo e prospectivo e estudar o envelhecimento ao longo das últimas décadas (o quando, como e porquê, com uma comparação internacional). É um estudo onde se abordará por exemplo a questão da

imigração. A Suécia não tinha um imigrante. Agora, metade da equipa de futebol são filhos de imigrantes... E a França? E Portugal? E como não temos suficientes importamos do Brasil, não é só para jogar no campeonato, é para a selecção.

Mas acha que há uma relação entre a falta de jovens no país e o facto de termos jogadores naturais do Brasil a jogar?

Não posso generalizar. Mas acho que tem uma relação. A substituição [de gerações], os imigrantes estão a fazê-la. Há imensas dimensões, jovens, lúdicas, como a música, onde a presença dos imigrantes é desproporcionada ao seu peso na sociedade, o que mostra bem que, se houvesse mais, mais energia seria injectada.

Fazer prolongar a esperança de vida é mais fácil do que convencer as famílias a terem bebés. E Portugal tem pouca política para a infância e para a facilitação da vida das mulheres, das mães jovens que trabalham e que pretendem continuar a trabalhar.

Ser velho "é social"

Está a falar de uma melhor rede de creches, de jardins-de-infância, de serviços e estruturas?

Exactamente. Foi assim que a Suécia e a França inverteram um pouco a curva descendente da natalidade. O dinheiro, quanto a mim, é o menos importante.

Não é com 200 euros por bebé prometidos pelo primeiro-ministro...

Não, não é. Nem 200 euros por mês... Queria abster-me de opiniões políticas. Digamos que sociologicamente o dinheiro não serve para nada. As mulheres que mais filhos têm são mulheres de nível educacional e cognitivo baixo, que têm os filhos sem saber muito bem como, sem ter nenhuma garantia até de que as pessoas que as acompanharam na concepção vão assumir as suas responsabilidades. O dinheiro do rendimento mínimo que se dá a mulheres abandonadas pelos pais das crianças, uma parte devia ser cobrada a esses pais que, se calhar, não são todos miseráveis...

Mas acho bem que se dêem 200 euros, dá para o baptizado.

A partir de que idade é que se é idoso?

Isso são as pessoas que vão dizer, porque nós vamos perguntar.

Quer dizer que não há consenso na comunidade científica?

Não há. Nem tem que haver. Não pode haver. Há pessoas com 60 anos que estão doentes, acabadas. Eu tenho um tio de 85 que vai à província e volta e guia a 120 quilómetros por hora. Em Portugal há pessoas reformadas com 50 anos e outras com 70 que continuam a trabalhar... Eu tenho 69. E não me sinto velho. Por lei, aos 70, sou obrigado a reformar-me. Mas não me sinto velho. Mesmo ao espelho. Mas seguramente que as pessoas já me tratam por senhor, tenho descontos numa data de coisas, nos concertos, não pago nos museus, o que é excelente.

Ser velho é uma coisa subjectiva.. Não é subjectiva, é social. É uma objectivação socialmente produzida.

